

# **A BÍBLIA RESPIRA PROFECIA**

## **“Se calarem a voz dos profetas...”**

*Gilvander Luís Moreira<sup>1</sup>*

*Palavra de Javé: consolai os aflitos e afligi os consolados!  
Ninguém pode tocar o corpo dos escritos proféticos sem sentir a  
batida do coração divino.*

### **Resumo**

*O autor convida seus leitores a visitar algumas profecias bíblicas, especialmente das parteiras egípcias, de Elias, Amós, Miqueias e de Jesus de Nazaré, na esperança de que elas possam iluminar suas consciências e aquecer seus corações para discernir o que é preciso fazer e como fazer para um maior compromisso com a causa dos pobres. Contemplando como agiram profetisas e profetas da Bíblia – numa atitude anticonformista e de crítica às causas das injustiças sociais –, uma orientação surgirá para a nossa missão na atualidade deste mundo que ainda é uma terra com tantos males.*

### **Abstract**

*Who reads this article is invited to visit some biblical prophecies, especially those regarding to Egyptian midwives, of Elias, Amos, Micah and Jesus. May those women light the consciences warm the hearts in order to improve the commitment towards the poor people. By contemplating the Bible prophets and prophetesses a new orientation for our mission in this world full of evils, will rise.*

### **1. Para começo de conversa**

A Bíblia, se interpretada com sensatez e a partir dos pobres, nos educa para a vivência profética, o que passa necessariamente por construir uma convivência humana e ecológica onde o bem comum seja um princípio básico seguido.

Os grandes desafios da realidade social, eclesial e eclesiástica para as pessoas cristãs que se engajam nas lutas sociais e na construção de uma sociedade justa, solidá-

**1.** Frei e padre carmelita; mestre em Exegese Bíblica; professor de Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos, no Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA –, em Belo Horizonte – e no Seminário da Arquidiocese de Mariana, MG; assessor da CPT, CEBI, SAB e Via Campesina; e-mail: [gilvander@igrejadocarmo.com.br](mailto:gilvander@igrejadocarmo.com.br) – [www.gilvander.org.br](http://www.gilvander.org.br) – [www.twitter.com/gilvanderluis](https://www.twitter.com/gilvanderluis) – facebook: [gilvander.moreira](https://www.facebook.com/gilvander.moreira)

ria, ecumênica e sustentável – também construção de uma igreja Povo de Deus –, me fazem recordar de muitos profetas e profetisas da Bíblia e de suas profecias.

Quando o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST – realiza ações radicais – não extremistas, mas aquelas que, de fato, vão à raiz dos problemas e, por isso, ferem o coração da idolatria ao capital, o ódio dos poderosos despeja-se sobre os militantes desse que é o maior movimento popular da América afrolatíndia. Isso faz acordar em mim profecias bíblicas das parteiras do Egito, dos profetas Elias, Amós, Miqueias e do Galileu de Nazaré.

Antes de passar a palavra às profetisas e aos profetas da Bíblia, pergunto: Quantos de nós já nos dispusemos a fazer a experiência de viver sob lonas pretas e gravetos – em condições similares aos animais no meio do mato, ou em condições piores do que nas favelas? Quem de nós já viveu à beira das estradas, em lugares ermos e remotos, sujeitos aos ataques noturnos repentinos? Quantos já permaneceram em um acampamento do MST por mais de um dia, observando o que comem (e, sobretudo, o que deixam de comer), o que lhes falta, como são suas condições de vida? Quantos já viram o desespero das mães procurando, aos gritos, pelos filhos enquanto o acampamento arde em fogo às 3 da madrugada, atacado por jagunços?

Sentindo-me na pele dos Sem Terra, convido você para visitar algumas profecias bíblicas na esperança de que possam iluminar nossas consciências e aquecer nossos corações para discernirmos o que é preciso fazer, como fazer para comprometermo-nos, de fato, com a causa dos pobres que, com fê libertadora, lutam por direitos humanos, por uma terra sem males.

### *1.1 Uma premissa básica: nosso Deus é transdescendente*

Muitos perguntam: se Deus existe e é todo-poderoso, por que permite tanta dor, tanta violência e sofrimento no mundo? Deus é sádico? Está sentado na arquibancada, de braços cruzados, vendo o sangue do inocente verter na arena da vida? Deus não faz nada? Um sábio, ao ouvir essas interpelações, respondeu: Deus fez e faz todos nós para sermos no mundo expressão do Deus que é infinito amor. A única força que Deus tem é o amor, que aparenta ser a realidade mais frágil, mas é a mais poderosa do mundo. Só o amor constrói.

Jesus se tornou tão humano que acabou se divinizando. Pelo seu relacionamento íntimo com o Pai, ao qual chamava de papai (*abbá*, em hebraico), Ele nos revela uma característica fundamental que perpassa toda a experiência do povo de Deus da Bíblia: o Deus comprometido com os pobres é um Deus *transdescendente*, não apenas transcendente – sua transcendência se esconde na imanência, o divino no humano. A partir do Êxodo, constatamos como Javé é um Deus que *ouve* os clamores dos oprimidos e *desce* para libertá-los (Ex 3,7-9). No início do Gênesis, o Espírito está nas águas, permeia e perpassa tudo (Gn 1,2). Em Jesus de Nazaré, tendo “nascido de mulher” (Gl 4,4), Deus se encarna, *descendo* e *assumindo* a condição humana. No Apocalipse, Deus *larga o céu, desce, arma sua tenda entre nós e vem morar conosco definitivamente*.

mente (Ap 21,1-3). Logo, um movimento de *transdescendência* perpassa toda a Bíblia. Esta característica se reflete em Jesus.

### 1.2 Profecia é sussurro de Deus

Os oráculos proféticos, normalmente, são introduzidos com uma fórmula característica: “*Assim disse Javé...*” ou “*Oráculo de Javé*” (Jr 9,22-23). A expressão “*ne’em Yahweh*”, em hebraico, geralmente traduzida por “oráculo de Javé” ou “Palavra de Javé”, significa “sussurro, cochicho de Deus no ouvido do profeta ou da profetisa”. Para entender um cochicho, um sussurro, é preciso fazer silêncio, prestar muita atenção, estar em sintonia, ter proximidade, ser amiga/o. Logo, Deus não falava claramente aos profetas, como nós muitas vezes pensamos. Deus fala hoje para – e em – nós do mesmo modo que falava aos profetas e às profetisas. Deus cochicha (sussurra) em nossos ouvidos, sempre a partir da realidade do pólo enfraquecido, na trama complexa das relações e estruturas humanas.

Precisamos colocar nossos ouvidos e nosso coração pertinho do coração dos violentados, para que nossas palavras possam refletir algo da vontade do Deus da vida. Mais que fazer cursos de oratória, precisamos de cursos de “*escutatória*”. Para ouvir os clamores mais profundos dos empobrecidos é necessário conviver com eles.

### 1.3 A força e a fraqueza da palavra profética

Intervenções proféticas que, no tempo deles, devem ter provocado calafrios, e ter soado quase como blasfemas, hoje podem parecer insossas a muitos leitores. Assim palavras de grande profundidade humana podem passar despercebidas para muitos cristãos. Se os profetas bíblicos ressuscitassem no nosso meio hoje e atualizassem suas profecias, provavelmente, suscitariam mal-estar ou escândalo. Eis um exemplo: O profeta Amós, em pleno século VIII aC, fez a seguinte profecia:

*“Ide-vos a Betel pecar, em Guilgal pecai firme;  
oferecei pela manhã os vossos sacrifícios  
e no terceiro dia os vossos dízimos;  
oferecei pães fermentados, pronunciai a ação de graças,  
anunciai dons voluntários,  
pois é disso que gostais, israelitas,  
oráculo de Javé”* (Am 4,4-5).

Este texto é quase incompreensível para as pessoas que não sabem o que é Betel nem Guilgal, desconhecem a expressão “oferecer sacrifícios” (só ouviram falar de “sacrificar-se”, “mortificar-se”), desconhecem o que são os ázimos e os dons voluntários. Isso nos revela a fraqueza da palavra profética. Mas atualizando a profecia, acima apresentada, poderemos, talvez, apresentá-la assim:

*“Ide pecar em Aparecida no Norte,  
em Juazeiro do Padre Cícero pecai firme.  
Assisti à missa todos os dias,*

*Oferecei vossas velas e oferendas.  
Queimai o incenso da bajulação,  
Ardam os incensórios,  
Anunciai novenas,  
Pois é disso que gostais, católicos.  
Oráculo do Senhor”.*

Aqui notamos a força da mensagem, sua clareza, brevidade e concisão. Também é patente a dureza e ironia com a qual se expressa. Em Am 4,4-5 o profeta usa o gênero “instrução”, típico dos sacerdotes. Assim Amós, usando o estilo de linguagem dos sacerdotes, critica-os com uma ironia fina e os ridiculariza.

O exemplo acima nos mostra a força e a fraqueza da palavra profética. Fraca, porque ficou aprisionada por uma linguagem, uma história, uma cultura, que não é a nossa. Forte, porque resplandece com todo vigor quando lhe arrancamos as “sujeiras” do tempo e encontramos o seu sentido “em si” e a sua mensagem “para nós”.

Para entendermos bem o sentido “em si” de Am 4,4-5 devemos estudar exegeticamente o texto. Para percebermos a veemência da crítica do profeta Amós ao culto, explicitando assim a relação de Israel com o culto, devemos considerar o seguinte:

Os versículos 4 e 5 do capítulo quatro de Amós são uma irônica exortação (seis verbos no imperativo) a caminhar para os santuários de Betel e Galgala para multiplicar as transgressões, mais do que para adorar Deus. O caráter irônico dos versículos é sublinhado pela exortação para oferecer um sacrifício *cada manhã*, e, pior ainda, o dí-zimo (= a décima parte) a *cada três dias*. Dt 14,28 e Dt 26,12 são dois textos que regulam esta obrigação, estabelecem que a décima parte deve ser paga a *cada três anos*. Portanto, pedir para pagar a cada três dias o que deve ser pago a cada três anos é, no mínimo, uma ironia sarcástica.

Também a ação de graças com a oferta do *pão fermentado* (v. 5) contradiz formalmente o que é indicado em Ex 12,15.39; 13,7; Dt 16,3. Da celebração da Páscoa (Ex 13,3; 23,18; 34,25) até as pequenas “ofertas vegetais” (Lv 2,4.5.11), tudo deve ser feito sempre com *pães ázimos*, e não com pão fermentado. Se compararmos esta ironia com Os 8,13, segundo a interpretação proposta por alguns autores<sup>2</sup>, a ironia não se refere, portanto, a uma falsa celebração da Páscoa somente. “Cada manhã” (v. 4) não deve ser traduzido por “na manhã”, como crítica de uma celebração pascal que devia acontecer à tarde.

Com relação às ofertas voluntárias pode-se encontrar um tratamento irônico no incitamento a proclamar e fazer conhecê-las. Essas ofertas, justamente porque voluntárias, não eram provavelmente reguladas por específicas disposições<sup>3</sup>. As concessões sobre a imperfeita qualidade da oferta voluntária, não permitida para outros sacrifícios (Lv

2. SIMIAN-YOFRE, H., *El desierto de los Dioses*, Cordoba, 1992, p. 86.

3. Cf. as referências bastante gerais em 2Cr 31,14; Sl 68,10; 119,108 – no singular e no sentido “profano”, ofertas voluntárias para a construção do templo, cf. Ex 35,29; 36,3.

22,23), nas regras mais amplas sobre o tempo para consumir a oferta (Lv 7,16; 22,21), assim como a menção delas no último lugar no resumo de Lv 23,37-38, depois dos “sacrifícios para o fogo”, holocaustos, oblações, vítimas, libações, dons e votos. Tudo sublinha o caráter privado desses sacrifícios. *Proclamar* essas ofertas destrói o seu caráter e finalidade. Não parece que nem o anúncio (retórico) do salmista dos sacrifícios que fará nem da proclamação das graças recebidas por Deus (Sl 66,15-16) pode ser interpretado como justificação ou explicação do relacionamento indicado em Am 4,5.

Vamos contemplar como agiram profetisas e profetas da Bíblia. Isso poderá ser uma bússola para a nossa missão na atualidade.

## 2. “Se calarem a voz dos profetas...”

### 2.1 *No início, mulheres lutadoras*

As mulheres parteiras do Egito – a Bíblia registra os nomes de duas: Séfora e Fua (Ex 1,8-22) –, diante de um Ato ditatorial (Medida Provisória = “Decreto-Lei”) que mandava matar as crianças do sexo masculino, se organizaram e fizeram greve e desobediência civil-religiosa. “Não vamos respeitar uma lei autoritária do império dos faraós. O Deus da vida quer respeito à dignidade humana e não concorda com a matança de crianças e com nenhuma opressão”, diziam em seus corações Mulheres do “sistema de saúde” do Egito. Diz a Bíblia: “Deus estava com as parteiras. O povo se tornou numeroso e muito poderoso” (Ex 1,20), isto é, crescia em quantidade e em qualidade. O Movimento das Mulheres camponesas, a Marcha Mundial das Mulheres, as guerreiras de Dandara, o Movimento Feminista, todos são legítimos herdeiros do Movimento das parteiras do Egito. O mesmo Deus que impulsionou as parteiras estava com as mil Mulheres da Via Campesina que expuseram a farsa da Aracruz celulose em 08 de março de 2006<sup>4</sup>. Ontem, lutavam contra o império dos faraós; hoje, lutam contra o império das multinacionais.

### 2.2 *Profeta Elias, intransigente defensor dos pequenos*

Em meados do século IX aC, o profeta Elias ferveu o sangue de indignação quando ouviu e viu que o rei Acab, a primeira dama Jezabel e latifundiários estavam reforçando a latifundiarização da terra prometida pelo Deus da vida ao povo Sem Terra, filhos/as de Abraão e Sara. A terra para o povo da Bíblia é herança de Deus, deve ser passada de pai para filho para usufruto; jamais ser considerada uma mercadoria. “*Javé me livre de vender a herança de meus pais*” (1Rs 21,3), respondeu Nabot, um pequeno agricultor, ao receber uma proposta indecorosa do rei que desejava comprar seu sítio para anexá-lo ao grande latifúndio que já tinha acumulado. O rei Acab se irritou com a resistência de Nabot. Jezabel, rainha adepta ao ídolo Baal, manipulou a religião e a justiça para roubar a terra do sitiante. Caluniou, criminalizou e demonizou Nabot que,

4. Cf. o vídeo-documentário *Rompendo o Silêncio. As mudas passaram a falar*. (Luta das mulheres da Via Campesina destruindo um viveiro de Mudas da Aracruz Celulose e povos indígenas do Espírito Santo lutando para resgatar suas terras invadidas pela Aracruz.)

com o beneplácito do poder judiciário da época, foi condenado à pena de morte na forma de apedrejamento. Morte que mata aos poucos. Hoje, o “apedrejamento” aos empobrecidos acontece por meio de calúnias, humilhações e, muitas vezes, com o veredicto da justiça. Mais de seis milhões de indígenas e outros seis milhões de negros já foram os Nabots no Brasil. Com a cumplicidade da classe dominante e a omissão de muitos, cerca de 30 mil jovens estão sendo exterminados no Brasil anualmente, na guerra química, não declarada, do crack.

Mas, a opressão dos pobres e o sangue dos mártires suscitam profetas. O profeta Elias, ao ouvir que o rei Acab estava invadindo o pequeno sítio de Nabot, após o ter matado, em alto e bom som, profetizou: “*Você matou, e ainda por cima está roubando? Por isso, assim diz Javé (Deus solidário e libertador): No mesmo lugar em que os cães lamberam o sangue de Nabot, lamberão também o seu. Farei cair sobre você a desgraça*” (1Rs 21,19.21). Acab desencadeou uma grande perseguição ao profeta Elias, que fugiu, mas refez sua opção pelo Deus da vida e continuou lutando ao descobrir que não estava sozinho. Outros sete mil profetas conspiravam com ele e ao lado dele. Elias inspirou Eliseu, que inspirou Jesus de Nazaré, que inspira milhões de pessoas cristãs pelo mundo afora. Acab teve morte sofrida, parecida com a do ditador Garrastazu Médici no Brasil.

### 2.3 Profeta Miqueias, um camponês que clama por justiça

Camponês de origem, o profeta Miqueias captou os sussurros do Deus da vida no final do século VIII aC, quando o território de seu povo estava sendo devastado pelos assírios imperialistas. Para Miqueias, a cobiça e as injustiças sociais deixam Deus possuído por uma ira santa. “*São vocês os inimigos do meu povo: de quem está sem o manto (como os Sem Terra e sem casa, de hoje), vocês exigem a veste; vocês expulsam da felicidade de seus lares as mulheres do meu povo (como milhares de meninas que são empurradas para a prostituição infantojuvenil), e tiram dos filhos a liberdade que eu lhes tinha dado para sempre* (Mq 2,8-9).

Após se libertar das garras dos faraós no Egito e marchar 40 anos pelo deserto, o povo oprimido da Bíblia conquista a terra prometida que estava em mãos de cananeus. Os territórios foram sorteados fraternalmente, para que cada família tivesse o seu lote. Fizeram reforma agrária. Mas após alguns séculos, os enriquecidos, pouco a pouco, foram invadindo cada vez mais campos e territórios. Assim, multidões de sem-terra foram jogados na miséria e impossibilitados de ter a sua parte na terra do povo de Deus.

Vindo da roça, Miqueias, ao chegar à capital Jerusalém, se defronta com os enriquecidos – políticos profissionais e religiosos funcionários do sagrado – e os acusa de roubar casas e campos para se tornarem latifundiários. “*Ai daqueles que, deitados em seus leitos de marfim, ficam planejando a injustiça e tramando o mal! É só o dia amanhecer, já o executam, porque têm o poder em suas mãos. Cobiçam campos, e os roubam*” (Mq 2,1-2).

Miqueias mostra que a riqueza deles se baseia na miséria de muitos e tem como alicerce a carne e o sangue do povo.

“Essa gente tem mãos habilidosas para praticar o mal: o príncipe exige, o juiz se deixa comprar; o grande mostra a sua ambição. E assim distorcem tudo. O melhor deles é como espinheiro, o mais correto deles parece uma cerca de espinhos! O dia anunciado pela sentinela, o dia do castigo chegou: agora é a ruína deles” (Mq 7,3-4).

#### 2.4 Profeta Amós, a luta contra a injustiça social

Provavelmente as composições mais antigas do livro do profeta Amós (Am 1–6; 7–9) datam de meados do século VIII aC, e surgiram como literatura de protesto e resistência. “O acento principal da mensagem de Amós está na crítica social e no anúncio de um juízo iminente de Deus na história, bem como na tênue, mas clara exigência do restabelecimento da justiça como alicerce das relações sociais”<sup>5</sup>.

Amós é um profeta precursor, radical, exemplar e paradigmático. A profecia de Amós é, em certo modo, um divisor de águas na história da profecia no sentido de que instaura um novo jeito de ser profeta.

O livro de Amós está organizado em duas grandes unidades literárias: I) Am 1–6: Palavras e II) Am 7–9: Visões.

##### 2.4.1 Endurecimento ou perdão?

Amós, em 4,4-13<sup>6</sup>, reflete sobre culto, história, endurecimento e perdão e nos ajuda a refletir sobre três aspectos intimamente entrelaçados, fundamentais na ética profética sobre a concepção de pecado em relação ao culto, à história e aos limites de uma possível reconciliação com Deus. Diante do “pecou, pecou... endureceu, endureceu..., haverá castigo ou perdão? A conclusão que se coloca na base e no fim do estudo de Am 4,4-13 é “Prepare-se Israel, para encontrar-se com seu Deus!” Trata-se de um anúncio de punição *in extremis* diante da incapacidade de Israel de reagir, ou de uma velada promessa de perdão? Ou existe outra interpretação possível?

A declaração final de Javé ao ser humano que fecha a unidade Am 4,4-13 constitui-se quase como uma nova revelação do Sinai, que deve pôr fim ao conflito entre o ser humano e a divindade, em favor do ser humano. As punições pedagógicas de Javé deixam lugar a um esclarecimento que abre o coração do ser humano para que veja o conjunto da sua história e reconheça o processo de endurecimento de seu coração.

Am 4,4-13 evoca, portanto, uma situação em que há certa semelhança com aquela do relato das pragas do Egito, mas não é, obviamente, a recordação daqueles fatos. O discurso de Amós menciona, talvez, um passado histórico não identificável nem pela forma e nem pelo conteúdo do texto. As pragas do tempo do Êxodo feriam o Egi-

5. HAROLDO REIMER, “Amós – profeta de juízo e justiça”, em *Os livros proféticos: a voz dos profetas e suas leituras*, RIBLA 35-36, Ed. Vozes, Petrópolis e Ed. Sinodal, São Leopoldo, 2000, p. 171.

6. Sugiro que antes de você continuar a leitura do texto, leia na Bíblia Am 4,4-13. Assim você entenderá melhor a reflexão que se segue.

to, não Israel, e de uma maneira diferente da relatada em Am 4. Além do mais, as tais “pragas” eram no mundo antigo o resultado de situações críticas naturais ou políticas: a fome era o resultado de toda estiagem prolongada e peste nas plantações, assim como a morte dos jovens (v. 10) é o efeito de toda ação militarista, no mundo antigo e moderno.

Às pragas ou punições descritas se reúnem ainda a menção de Sodoma e Gomorra. O discurso de Am 4 quer, portanto, dar conta de toda a antiga história de Israel, também de Israel patriarcal, para aplicá-la a uma nova situação.

Um ponto particular de relação com o Êxodo é a presença do refrão “*mas não retornastes a mim*” que estrutura o texto de Am 4,4-13. Assim, como no relato das pragas o endurecimento do coração do Faraó é o motivo estruturante que faz aumentar as pragas.

No relato do Êxodo, um primeiro grupo de textos, atribuídos tradicionalmente à fonte Javista (J), apresenta de fato o faraó como responsável pelo seu próprio endurecimento, como havia predito Deus<sup>7</sup>. O outro grupo de textos (os chamados “eloístas”) atribui a obstinação ora ao faraó (Ex 9,35) ora a Deus mesmo (Ex 10,20.27). O relato sacerdotal (P) o atribui habitualmente a Javé.

Esta diversidade de concepções ao atribuir a responsabilidade pelo pecado aparece também em outros textos fora do Êxodo, com diferente vocabulário e problemática. Em 2Sm 24,1, Javé é o responsável direto pelo pecado de Davi devido ao recenseamento. Segundo 1Cr 21,1 a responsabilidade é, ao invés, de Satanás. O verbo hebraico usado é o mesmo: *swt* (= incitar, seduzir).

Tanto em Êxodo como em Am 4,4-13 se coloca um grande problema exegético e teológico: é possível e legítimo que Deus continue a aplicar punições que levam a um endurecimento sempre crescente? Não se comporta Javé assim como o pai que exagera, com sua punição ao seu filho e o força a se rebelar (cf. Ef 6,4)?

É necessário reconhecer que por trás dos textos de endurecimento há o mistério da liberdade humana e “onipotência” divina: amor infinito de Deus. Em relação a Deus, há uma consciência profética de que as obras e a Palavra de Deus não podem permanecer sem efeito (cf. Is 55,11), mas é sempre eficaz (diferente de eficiente). Se não produzem imediatamente a conversão, devem amadurecer o sujeito para um novo castigo, o que, em última análise, não exclui a possibilidade de conversão.

Em relação ao “castigado”, há consciência do fato que a exortação à conversão, quando não ouvida, se torna uma condenação. Isto é, nada mais, nada menos, que a dinâmica das relações interpessoais. Quando duas pessoas se encontram e começam a se conhecer, a relação pode progredir, parar ou eventualmente morrer. Mas enquanto existe, cada ação e reação levam ao crescimento ou diminuição daquela relação. Todo ato (ou omissão) nas relações interpessoais soma e cultiva a relação ou a empobrece descultivando-a. Nenhum ato fica neutro.

7. Cf. Ex 7,14.22; 8,11.15.28; 9,7.34.

De modo semelhante, na relação do ser humano com Deus, cada ação que não melhora a relação, a piora, mas jamais a deixa igual. Se não se aceita um convite à conversão, como uma oferta de amizade, o recusa. E esta recusa tornará mais difícil que aconteça um novo convite<sup>8</sup>. Além disso, aceitar uma nova oferta de amizade implicaria em reconhecer o erro precedente, o que pode exigir um grau maior de humildade.

Em relação aos profetas e profetisas, este processo se explica na medida em que os/as “intérpretes de Javé” sabem do paradoxo da missão deles. Os profetas e profetisas sabem que a palavra profética conduz às vezes à conversão de alguns poucos, mas na maioria das vezes leva ao endurecimento de muitos. Os oráculos de condenação no futuro, pronunciados com absoluta segurança, refletem a consciência dos profetas de que a advertência seria inútil.

A consciência que os profetas e profetisas têm das três realidades descritas acima se apresenta, de modo muito claro, em Is 6,9-11:

*“Então disse ele: Vai, e dize a este povo: Ouvis, de fato, e não entendeis, e vedes, em verdade, mas não percebeis. Engorda o coração deste povo, e faze-lhe pesados os ouvidos, e fecha-lhe os olhos; para que ele não veja com os seus olhos, e não ouça com os seus ouvidos, nem entenda com o seu coração, nem se converta e seja sarado. Então disse eu: Até quando, Senhor? E respondeu: Até que sejam desoladas as cidades e fiquem sem habitantes, e as casas sem moradores, e a terra seja de todo assolada”.*

#### 2.4.2 Amós, conspirador e subversivo?

Em Am 7,14 Amós se recusa a ser considerado profeta segundo a ótica de um sacerdote vassalo do poder político. Amós se define como “vaqueiro” e cultivador de sicômoros. No v. 15 Amós parece ser um pastor que cuida do rebanho miúdo (ovelhas e cabras), mas não um vaqueiro. Em Am 7,10-17 não há a intenção primeira de descrever pessoalmente a profissão do profeta, mas enfatiza o fato de que Amós foi retirado da sua vida precedente, do seu mundo, das preocupações domésticas para proclamar a Palavra de Deus.

Am 7,10-17 quer legitimar o conteúdo da profecia de Amós e ajudar a comunidade a superar todos os preconceitos que possam existir contra o profeta por causa da sua origem humilde, como se fosse um “nordestino”, um sem-terra, um menor de rua, um portador do vírus HIV etc. O relato de Am 7,10-17 quer nos dizer que a profecia vem da margem, da periferia, do meio dos marginalizados e excluídos. São estes, por excelência, os “intérpretes de Javé”.

Na Bíblia esse “gênero” é utilizado para descrever de maneira diferente as vocações de Moisés, Gedeão, Eliseu, Saul. Mas uma estreita relação se encontra em 2Sm 7,8. Natã transmite a Davi a mensagem de Javé: *“Eu te tirei das pastagens, pastoreavas as ovelhas”*. O elemento que caracteriza estas situações não é o fato do convocado

8. Gato escaldado com água quente tem medo até de água fria, diz a sabedoria popular.

pertencer a um grupo, mas, ao contrário, o fato de ele ser um “de fora”, um excluído. Assim Am 7,14 quer exprimir a distância de Amós das formas institucionais da profecia e dos profetas “da corte”.

O relato do confronto entre o sacerdote Amasias e Amós (com a implicada presença do rei) oferece a justificação da decisão de Javé. O povo não somente não ouviu as diversas palavras transmitidas por Amós, mas decidiu silenciá-lo, expulsando-o para sua terra. Já não há nada mais a esperar senão o fim definitivo, e diante disso resta somente a lamentação. O profeta anuncia a necessidade de conversão; pede perdão a Deus pelo povo; pede para parar a punição. O rei (e a monarquia) e o Templo expulsam o profeta, silenciando-o. O povo sofrerá muito mais. Ai de um povo que não escuta seus profetas e profetisas, e, pior ainda, que os persegue, expulsa e os silencia.

Em Am 7,10-17 revela a interpretação que setores da classe dirigente tinham do conteúdo da profecia de Amós. Aos olhos da elite, o profeta é um “conspirador”, interessado em “golpe de estado”. Para Javé e o povo empobrecido Amós é um profeta. Para a elite ele é um “subversivo”, um agitador.

#### 2.4.3 Vacas de Basã são mulheres ou homens opressores?

Em Am 4,1-3 temos a seguinte profecia:

*“Ouvi esta palavra, vacas de Basã, que estais sobre monte de Samaria, que oprimis os fracos, que esmagais os excluídos, que dizeis aos vossos senhores: “Trazei-nos o que beber!”. O Senhor Javé jurou, pela sua santidade: sim, dias virão sobre vós, em que vos carregarão com ganchos e a vossos descendentes com arpões (de pesca). E saireis pelas brechas que cada uma tem diante de si, e sereis empurradas em direção ao Hermon, oráculo de Javé”.*

Segundo uma interpretação mais tradicional, Am 4,1-3 seria uma investida do profeta Amós contra as mulheres ricas de Samaria, designadas como “vacas de Basã”, mulheres de personagens importantes, que ocupam o tempo em luxuosos banquetes, e ao mesmo tempo são responsáveis pela opressão e exploração dos empobrecidos. A imagem de um banquete só de madames é, no mínimo, algo curioso em uma sociedade reconhecidamente machista e patriarcal, assim como atribuir às mulheres a responsabilidade pela opressão e pela injustiça.

A região de Basã, como o Líbano e o Carmelo, é famosa pela fertilidade do solo. A tristeza causada pela punição divina se manifesta na debilidade do Líbano, do Basã, do Carmelo e do Saron (Is 33,9). Ao contrário, a generosidade divina se expressa no nutrimento do povo com a “manteiga das ovelhas e dos touros de Basã” (Dt 32,14). O anúncio messiânico, com o qual se conclui o livro de Miqueias, inclui a promessa de um pasto abundante “em Basã e em Galaad, como nos dias antigos” (Mq 7,14). No ambiente de louvor do Sl 68, “Basã” são os montes (v. 16) que testemunham, junto com o Sinai e a natureza, a grandeza das obras de Javé. Logo integrar “Basã” numa imagem depreciativa é algo estranho ao uso corrente de “Basã” na Bíblia.

De “vaca de Basã” não se fala em nenhum outro lugar no Primeiro Testamento da Bíblia. As montanhas de Basã são famosas pelos seus touros, cabritos e carneiros (mas não vacas; cf. Dt 32,14). Por isso os touros de Basã podem ser imagens dos inimigos poderosos (cf. Sl 22,13 e, sobretudo, Ez 39,18).

A expressão “vacas de Basã” adquire um sentido mais verdadeiro dentro da cultura bíblica se o termo “vacas” não for utilizado em relação a mulheres, mas a homens, aqueles que quiseram ser como os touros de Basã, pela força deles, autoridade e dignidade se tornaram “vacas”, com as conotações depreciativas que as formas femininas podem ter no Primeiro Testamento.

Neste contexto, os “seus senhores” (Am 4,1b, com sufixo masculino) se referem provavelmente não aos “maridos”, como propõem algumas traduções, um uso pelo qual não se tem nenhuma outra ocorrência, mas refere-se a uma pessoa de mais autoridade (política). “Senhor”, além do frequente uso como título divino, se refere a Acab (2 Rs 10,2.3.6), ao Faraó (Gn 40,1), ao Rei da Babilônia (Jr 27,4), e em casos isolados a várias pessoas: “outros senhores...” (Is 26,13).

A interpretação que propomos de “vacas de basã”, acima, está em sintonia com a hipótese de que “vacas de basã” seja também uma alusão às estátuas cultuadas. Logo, em Am 4,1-3 está uma forte denúncia do poder opressor de um “senhor” com poder político de dominação respaldado por uma legitimação religiosa.

#### 2.4.4 Amós: “Restabeleçam a justiça!”

A profecia de Amós é “uma crítica veemente e contundente aos agentes e mecanismos de exploração e opressão dos camponeses empobrecidos sob o governo expansionista de Jeroboão II e sob as condições de um incremento de relações de empréstimos e dívidas entre pessoas do próprio povo no século VIII aC”<sup>9</sup>. Em outros termos, o profeta Amós não apenas critica *pessoas corruptas*, mas questiona também de modo muito forte o *sistema* gerador de pessoas corruptas. Não somente as mazelas pessoais estão na mira do “camponês” que entrou para a história como um grande profeta. Amós tem consciência de que o problema fundamental da injustiça reinante na sociedade não é fruto somente de fraquezas pessoais, mas tem como causa matriz estruturas sócio-econômico-político-culturais e religiosas que engrenam uma máquina de moer pessoas. Na mira de Amós também estão relações comerciais que causam endividamento, aprisionam pessoas e escravizam, retirando a liberdade de ser pessoa humana.

Além das denúncias sociais, a profecia de Amós destaca-se com o anúncio de um juízo iminente de Javé na história do seu povo. Amós inverte as expectativas quanto a um tão sonhado “dia de Javé” (Am 5,18-20). Este não será mais uma “ideologia de segurança político-religiosa” pelos fortes de Israel. A perversão da justiça para os pobres, a opressão dos empobrecidos e a exploração das pessoas mais enfraquecidas cla-

9. HAROLDO REIMER, “Amós – profeta de juízo e justiça”, em *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*, n. 35/36, Ed. Vozes, Petrópolis e Ed. Sinodal, São Leopoldo, 2000, p. 188.

mam pelo juízo divino. O “dia de Javé” será um “dia mau” sobre os fortes de Israel, sobre o estado tributário, suas instituições e seus agentes<sup>10</sup>.

Amós critica com coragem a “corrida armamentista” de Israel. Ele anuncia que serão desmanteladas as forças militares dos estados vizinhos (Am 1,5.8b.14b; 2,2b) e sobretudo de Israel (Am 2,13-16; 3,11b; 5,2-3; 6,13-14).

O profeta Amós denuncia duramente também as instituições religiosas que estão justificando o processo de extorsão de tributos da população camponesa (Am 4,4-5; 5,21-23). Pelo conluio com a opressão econômica, será dizimada a religião oficial (templos) e seus agentes (Am 5,27; 7,9; 9,1). “*Odeiem o mal e amem o bem: restabeleçam no portão a justiça!*” (Am 5,15). “Aqui está a exigência positiva por excelência na profecia de Amós. Os israelitas são conclamados a reconstruir as relações sociais baseadas na justiça e no direito (*mišpaṭ / šedaqah*). Só assim será possível escapar do juízo vindouro anunciado. O futuro de um “resto” passa pela prática de Justiça”<sup>11</sup>. O juízo abre caminho para a justiça. A presença dos profetas e profetisas no meio do povo deixa Javé livre de qualquer responsabilidade diante da punição que o povo merece.

## 2.5 Profeta Oseias, o profeta das relações de amor e da anti-idolatria religiosa

### 2.5.1 Chão histórico do livro de Oseias

A data provável da profecia de Oseias é 755 a 721 aC. Trata-se do final do reino do Norte, últimos anos do reinado de Jeroboão II até o reinado de Oseias, filho de Ela. No primeiro capítulo de Oseias está uma forte crítica contra a dinastia de Jeú. Os capítulos 2 e 3 refletem certa prosperidade de produção e tranquilidade política, marcas do reinado de Jeroboão II. Do capítulo 5 em diante, estão os reflexos da crise que se instaura em Israel, devido a pressões externas vindas do Império Assírio. Com a chamada guerra siro-efraimita e a subjugação de parte do território por Teglát-Falasar III (rei da Assíria), por volta de 733 aC, aumentam significativamente na palestina o clima de violência e insegurança interna. Os capítulos finais de Oseias testemunham os acontecimentos em torno do ano 724 aC, data do cerco à cidade de Samaria e da destruição do reino do Norte, com o conseqüente exílio do povo para a Assíria, potência imperialista da época.

### 2.5.2 Chaves que destrancam as profecias de Oseias

A profecia atribuída a Oseias é composta de catorze capítulos, organizados em duas grandes unidades: Os 1–4 e Os 5–14. O capítulo 4 parece ser o grande elo das duas partes, pois faz uma ligação entre o conteúdo de Os 1–3 e o de Os 5–14.

Para entendermos bem a profecia de Oseias, precisamos levar em consideração as implicações dos gêneros literários presentes no texto. Precisamos também cuidar

10. A fé em um Deus que é infinito amor não coaduna com a existência de inferno como um lugar de punição. No entanto, se não há algum tipo de inferno, os opressores ficarão sem nenhuma punição?

11. HAROLDO REIMER, “Amós – profeta de juízo e justiça”, em *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*, n. 35/36, p. 189.

para não cair na armadilha da interpretação simplesmente alegórica, com base em polarizações como Javé-Israel, marido-mulher e fidelidade-infidelidade. Isso reduz tremendamente a realidade gritante que lateja por trás do texto. Por isso para compreender bem as profecias de Oseias é preciso levar no coração as angústias das pessoas marginalizadas e excluídas e, particularmente, o clamor das mulheres, que resistem, apesar de tudo, frente à violência patriarcal e outras agressões dos mais diversos matizes.

Os primeiros quatro capítulos focalizam o âmbito da casa e suas relações peculiares. Oseias, nos capítulos de 5 a 14, amplia o foco, detendo-se no mo(vi)mento promovido em várias instâncias do Estado monárquico (a corte do rei, seu exército, sacerdotes e funcionários). Isso nos mostra que a profecia de Oseias vai do miúdo da vida para o macro, do cotidiano para as questões globais, mas revelando a interdependência e o entrelaçamento das várias dimensões da vida humana e social. Oseias denuncia o poder opressor localizado nas grandes instituições, mas também desvenda a microfísica do poder: todas as relações interpessoais (sociais etc.) são permeadas de relações de poder. O poder não está localizado somente nas grandes instituições, mas está presente nas microrrelações. Estão permeadas de poder as relações homem-mulher, adulto-criança, professora-estudante, governante-governados, branco-negro, sadio-doente...

O quarto capítulo de Oseias versa sobre o cotidiano da colheita, com uma veemente crítica aos sacerdotes, já que eles representavam o Estado monárquico. A idolatria justificava religiosamente as estruturas e relações de opressão e exploração. A isso Oseias chamava de prostituição e de adultério. Eram frequentes em Israel e afetavam as relações entre mulheres e homens dentro de casa. Em Os 4,1-19 temos uma profecia que denuncia a macro-opressão realizada pelos “sacerdotes”, e outra que põe o dedo na ferida da micro-opressão que acontece nas relações interpessoais, particularmente entre homem e mulher, entre adultos e crianças. O miúdo da vida (o cotidiano) e o macro da vida são as duas pernas presentes na profecia de Oseias. Elas se entrecruzam no texto.

Em particular, a profecia de Oseias revela para as pessoas o que significa viver sob as guerras e alianças de Israel com o Império Assírio (cf. Os 5,13; 7,11; 8,9), em um ir e vir sem rumo que foi corroendo as forças da nação até chegar ao seu final (cf. Os 5,12; 7,9; 8,8). Isso sem falar da violência que rasgou ventres de mulheres grávidas (cf. Os 14,1) e tirou a vida de crianças de peito (cf. Os 9,11-14).

A biblista Tânia Mara, com fina sensibilidade e intuição feminista, nos diz que em Oseias “movimentos de corpos prostituídos abrem a profecia... movimentos de corpos em resistência atravessam a profecia... movimentos de corpos transgressores desafiam a leitura da profecia e proclamam novidades”<sup>12</sup>.

Prostituição, em Oseias, não é uma questão sexual-moral, mas uma questão de idolatria. Oseias não faz censura moral e muito menos é moralista. Não se refere a pessoas individualmente prostituídas, mas ao “país que foi prostituído”.

12. Cf. SAMPAIO, TÂNIA MARA VIEIRA, “Oseias: uma outra profecia”, em *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*, n. 35/36, Ed. Vozes, Petrópolis, Ed. Sinodal, São Leopoldo, 2000, p. 157.

O livro de Oseias não qualifica Gomer como prostituta. A firma, ao contrário, que a “nação se prostituiu” (Os 1,2). Assim, a ênfase recai sobre a nação, e não sobre Gomer. Muitas outras mulheres se encontravam em situação parecida. Oseias 4,14 menciona que as filhas se prostituíam e as noras praticavam adultério nos tempos da colheita. Mas faz bem precisar que a prostituição em Oseias é “*um dado de realidade que atinge o corpo de homens, mulheres, crianças e lhes expropria a vida. Mais do que isto, é fundamental identificar que as crescentes críticas ao longo da profecia dirigem-se não às mulheres, mas aos sacerdotes, aos reis e aos príncipes* (cf. Os 5,1-2.4...)”<sup>13</sup>.

Segundo a profecia de Oseias, os sacerdotes são os grandes culpados pela violência reinante. O povo percebe que os sacerdotes haviam se transformado em assassinos e se comportavam como bandidos em emboscada (Os 5,9). O povo percebe a ilusão que é acreditar no Império Assírio como caminho de salvação (Os 14,4). O povo cai na real e consegue ver que os reis e príncipes são insensatos, mentirosos e se matam por disputas internas (cf. Os 7,1-7) e por disputas políticas externas (cf. Os 5,1-15; 7,8-16; 8,8-14; 10,6-15). Diante dessa dramática máfia religiosa e política, o povo, passando por um processo sofrido de conversão, conclui, voltando-se para o Deus Javé: “*é em Ti que o órfão encontra misericórdia*” (Os 14,4). A hipocrisia e o cinismo dos sacerdotes na condução do culto fazem o povo descobrir que o caminho para a libertação não passa pelos sacrifícios, mas pela misericórdia. A conclusão é: “*Misericórdia, sim; sacrifício, não!*” (Os 6,6).

A profecia de Oseias não tolera os pecados que estão desfigurando o povo. Quando ouvimos a palavra “pecado” quase automaticamente somos levados para o episódio bíblico da queda de Adão e Eva. Assim, fazemos uma separação entre pecado e história das sociedades. Pecado não é ofensa a Deus, sem ter nenhuma relação com as relações humanas e históricas. Oseias ajuda-nos a perceber o “pecado” como vindo das entranhas das relações históricas e, muitas vezes, apoiado por funcionários das instituições religiosas.

Em Oseias transparece um Deus que é só misericórdia. Oseias é radicalmente contra não somente os sacrifícios, mas contra todo e qualquer sacrificialismo. O desfecho da profecia de Oseias reconhece Deus como sendo só misericórdia. “*Misericórdia quero; sacrifício, não*” (Os 6,6). Oseias ouviu os sussurros de Javé que dizia: “*Eu vou, eu mesmo, persuadir o povo, conduzi-lo ao deserto e convencê-lo*” (Os 2,16).

Hoje, de forma disfarçada, a indústria do sacrificialismo e da idolatria, denunciada com ira profética por Oseias, está funcionando a todo vapor em realidades tais como o agronegócio, a mineração depredadora, o neoliberalismo político e o fundamentalismo religioso. Enfim, na idolatria do mercado e do capital.

## 2.6 Jesus de Nazaré, um profeta que se tornou Cristo

Jesus, o galileu de Nazaré, se tornou Cristo, filho de Deus. Como camponês, deve ter feito muitos calos nas mãos, na enxada e na carpintaria, ao lado de seu pai

13. Ibidem, p. 158.

José. Os evangelhos fazem questão de dizer que Jesus nasceu em Belém (em hebraico, “casa do pão” para todos), cidade pequena do interior. “*És tu, Belém, a menor entre todas as cidades, mas é de ti que virá o salvador*”, diz o evangelho de Mateus (2,6), resgatando a profecia de Miqueias (Mq 5,1).

#### 2.6.1 De forma radical, Jesus mostra como resolver o problema da fome

A fome era um problema tão sério na vida dos primeiros cristãos e cristãs, que os quatro evangelhos da Bíblia relatam Jesus partilhando pães e saciando a fome do povo<sup>14</sup>. É óbvio que não devemos historicizar os relatos de partilha de pães como se tivessem acontecido tal como descrito. Os evangelhos foram escritos de quarenta a setenta anos depois. Logo, são interpretações teológicas que querem ajudar as primeiras comunidades a resgatar o ensinamento e a práxis original de Jesus. Não podemos também restringir o sentido espiritual da partilha dos pães a uma interpretação eucarística, como se a fome de pão se saciasse pelo pão partilhado na eucaristia. Isso seria espiritualização do texto. Eucaristia, celebrada em profunda sintonia com as agruras da vida, é uma das fontes que sacia a fome de Deus, mas as narrativas das partilhas de pães têm como finalidade inspirar solução radical para um problema real e concreto: a fome de pão.

A beleza espiritual das narrativas de partilha de pães está no processo seguido. Em uma série de passos articulados e entrelaçados que constituem um processo libertador. O milagre não está aqui ou ali, mas no processo todo. Ei-lo:

Mateus mostra que o povo faminto “vem das cidades”, ou seja, as cidades, ao invés de serem locais de exercício da cidadania, se tornaram espaços de exclusão e de violência sobre os corpos humanos.

“Jesus atravessa para a outra margem do mar da Galileia” (Jo 6,1), entra no mundo dos gentios, dos pagãos, dos impuros, enfim, dos excluídos. Jesus não fica no mundo dos incluídos, mas estabelece comunicação efetiva e afetiva entre os dois mundos, o dos incluídos e o dos excluídos. Assim, tabus e preconceitos desmoronam-se.

Profundamente comovido, porque “os pobres estão como ovelhas sem pastor” (Mc 6,34), Jesus percebe que os governantes e líderes da sociedade não estavam sendo libertadores, mas estavam colocando fardos pesados nas costas do povo. Com olhar altivo e penetrante, Jesus vê uma grande multidão de famintos que vem ao seu encontro; só no Brasil são milhões de pessoas que têm os corpos implodidos pela bomba silenciosa da fome ou da má alimentação.

Jesus não sentiu medo dos pobres, encarou-os e procura superar a fome que os golpeava e humilhava. Apareceram dois projetos para resgatar a cidadania do povo faminto. O primeiro foi apresentado por Filipe: “Onde vamos comprar pão para alimentar tanta gente” (Jo 6,5)? No mesmo tom, outros discípulos tentavam lavar as mãos:

14. Cf. Mt 14,13-21; Mc 6,32-44; Lc 9,10-17 e Jo 6,1-13.

“Despede as multidões para que vão aos povoados comprar alimento para si” (Mt 14,15). Filipe está dentro do mercado e pensa a partir do mercado. Está pensando que o mercado é um deus capaz de salvar as pessoas. Cheio de boas intenções, Filipe não percebe que está enjaulado na idolatria do mercado.

O segundo projeto é posto à baila por André, outro discípulo de Jesus, que, mesmo se sentindo fraco, acaba revelando: “Eis um menino com cinco pães e dois peixes” (Jo 6,9). Jesus acorda nos discípulos e discípulas a responsabilidade social, ao dizer: “Vocês mesmos devem alimentar os famintos” (Mt 14,16). Jesus quer mãos à obra. Nada de desculpas esfarrapadas e racionalizações que tranquilizam consciências. Jesus pulou de alegria e, abraçando o projeto que vem de André (em grego, andros = humano), anima o povo a “sentar na grama” (Jo 6,10). Aqui aparecem duas características fundamentais do processo protagonizado por Jesus para levar o povo da exclusão à cidadania. Jesus convida o povo para se sentar. Por quê? Na sociedade escravocrata do império romano somente as pessoas livres, cidadãos, podiam comer sentadas. Os escravos deviam comer de pé, pois não podiam perder tempo de trabalho. Era só engolir e retomar o serviço árduo. Um terço da população era escrava e outro terço, semiescrava. Logo, quando Jesus inspira o povo para sentar-se, ele está, em outros termos, defendendo que os escravos têm direitos e devem ser tratados como cidadãos.

Por que sentar na grama? A referência à existência de “grama” no local indica que o povo está no campo, na zona rural, e é a partir de uma reorganização da vida no campo que poderá advir uma solução radical para a fome que aflige o povo nas cidades. Em outras palavras, o combate que liberta da fome passa necessariamente pela realização de uma autêntica Reforma Agrária. Não dá para continuar a iníqua estrutura fundiária no Brasil<sup>15</sup>.

Jesus estimula a organização dos famintos. “Sentem-se, em grupos de cem, de cinquenta, [...]” (Mc 6,40). Assim, Jesus e os primeiros cristãos nos inspiram que a resolução do problema da fome só será resolvido de forma justa quando o povo marginalizado e excluído se organizar.

“Jesus agradeceu a Deus...” A dimensão da mística foi valorizada. A luz e a força divinas permeiam os processos de luta. Faz bem reconhecer isso.

Quem reparte o pão não é Jesus, mas os discípulos. Jesus provoca a solidariedade conclamando para a organização dos marginalizados como meio para se chegar à cidadania de e para todos.

15. Dados e informações comparativas do Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA – revelam a síntese da estrutura fundiária Brasileira em 2003: como agricultura familiar, abaixo de 200 hectares, há 3.895.968 de imóveis rurais (91,9% dos imóveis) compreendendo uma área de 122.948.252 hectares (29,2% do território), enquanto apenas 32.264 propriedades rurais (0,8% dos imóveis rurais) têm acima de 2 mil hectares, constituindo um território de 132.631.509 de hectares. Essas grandes propriedades têm em média 4.110,8 hectares, correspondendo a 31,6% do território. CF. LAUREANO, Delze dos Santos, O MST e a Constituição, um sujeito histórico na luta pela reforma agrária no Brasil, Ed. Expressão Popular, São Paulo, 2007, p. 60.

“Recolham os pedaços que sobraram, para não se desperdiçar nada” (Jo 6,12). Economia que evita o desperdício. Quase um terço da alimentação produzida atualmente no mundo é jogado no lixo, enquanto tantos passam fome.

As pessoas perceberam a profecia realizada por Jesus nas entranhas dos fatos humanos. Jesus não quis ser bajulado e retirou-se, de novo, para uma montanha. Exercer a solidariedade de forma gratuita e libertadora. Não estabelecer vínculos que geram dependência em quem é ajudado e consciência tranquila em quem dá coisas.

#### 2.6.2 De forma clandestina, Jesus e os seus entram em Jerusalém

Após uma longa marcha da Galileia a Jerusalém (Lc 9,51–19,27), Jesus e seu movimento estão às portas de Jerusalém. De forma clandestina, não confessando os verdadeiros motivos, Jesus e o seu grupo entram em Jerusalém, narra o Evangelho de Lucas (19,29-40). De alguma forma deve ter acontecido essa entrada de Jesus em Jerusalém, provavelmente não tal como narrado pelo evangelho, que tem também um tom midráxico, ou seja, quer tornar presente e viva uma profecia do passado.

Dois discípulos recebem a tarefa de viabilizar a entrada na capital, de forma humilde, mas firme e corajosa. Deviam arrumar um jumentinho – meio de transporte dos pobres –, mas deviam fazer isso disfarçadamente, de forma “clandestina”. O texto repete o seguinte: “Se alguém lhes perguntar: ‘Por que vocês estão desamarrando o jumentinho?’ digam somente: ‘Porque o Senhor precisa dele’”. A repetição indica a necessidade de se fazer a preparação da entrada na capital de forma clandestina, sutil, sem alarde. Se dissessem a verdade, a entrada em Jerusalém seria proibida pelas forças de repressão.

Com os “próprios mantos” prepararam o jumentinho para Jesus montar. Foi com o pouco de cada um/a que a entrada em Jerusalém foi realizada. A alegria era grande no coração dos discípulos e discípulas. “*Bendito o que vem como rei...*” Viam em Jesus outro modelo de exercer o poder, não mais como dominação, mas como gerenciamento do bem comum.

Ao ouvir o anúncio dos discípulos – um novo jeito de exercício do poder – certo tipo de fariseu se incomoda e tenta sufocar aquele evangelho. Hipocritamente chamam Jesus de mestre, mas querem domesticá-lo, domá-lo. “*Manda que teus discípulos se calem*”, impunham os que se julgavam salvos e os mais religiosos. “Manda...!” Dentro do paradigma “mandar-obedecer”, eles são os que mandam. Não sabem dialogar, mas só impor. “Que se calem!”, gritam. Quem anuncia a paz como fruto da justiça testemunha fraternidade e luta por justiça, o que incomoda o *status quo* opressor. Mas Jesus, em alto e bom som, com a autoridade de quem vive o que ensina, profetisa: “*Se meus discípulos (profetas) se calarem, as pedras gritarão*” (Lc 19,40). Esse alerta do galileu virou refrão de música das Comunidades Eclesiais de Base: “*Se calarem a voz dos profetas, as pedras falarão. Se fecharem uns poucos caminhos, mil trilhas nascerão... O poder tem raízes na areia, o tempo faz cair. União é a rocha que o povo usou pra construir...!*”

### 2.6.3 Jesus derruba o deus capital

Os quatro evangelhos da Bíblia<sup>16</sup> relatam que Jesus, próximo à maior festa judaico-cristã, a Páscoa, impulsionado por uma ira santa, invadiu o templo de Jerusalém, lugar mais sagrado do que os templos da idolatria do capital que muitas vezes tem a cruz de Cristo pendurada em um ponto de destaque. Furioso como todo profeta, ao descobrir que a instituição tinha transformado o templo em uma espécie de Banco Central do país + sistema bancário + bolsa de valores, Jesus “fez um chicote de cordas e expulsou todos do templo, bem como as ovelhas e bois, destinados aos sacrifícios. Derramou pelo chão as moedas dos cambistas e virou suas mesas. Aos que vendiam pombas (eram os que diretamente negociavam com os mais pobres porque os pobres só conseguiam comprar pombos e não bois), Jesus ordenou: ‘Tirem estas coisas daqui e não façam da casa do meu Pai uma casa de negócio’”. Essa ação de Jesus foi o estopim para sua condenação à pena de morte, mas Jesus ressuscitou e vive também em milhões de pessoas que não aceitam nenhuma opressão.

### 3. E agora, José? E agora, Maria?

Enfim, os tempos são outros, mas uma engrenagem de moer vidas está em pleno funcionamento. O capitalismo, como um castelo de areia, está podre. A idolatria do mercado e do capital está levando a humanidade e todas as criaturas da biodiversidade ao abismo. A maior devastação ambiental da história da humanidade cresce em progressão geométrica. As mudanças climáticas estão cada vez mais afetando a vida humana, vegetal e animal. “O tempo está doido”, dizem muitos. Doidos mesmos são os egocêntricos que mandam e desmandam acrisolados no próprio umbigo.

Intuo que as profecias das parteiras do Egito, de Elias, Miqueias, Amós, Oseias e de Jesus de Nazaré estão vivas, hoje, no ensinamento e na prática do MST, de Dandara (ocupação que se tornou comunidade), do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), da Via Campesina, de muitos sindicatos que ainda continuam combativos, de milhares de Comunidades Eclesiais de Base que, mesmo silenciadas e perseguidas, continuam testemunhando um jeito rebelde de encarnar o evangelho do Galileu de Nazaré. Em tantos movimentos populares vejo a profecia viva. No *Movimento dos Negros, dos indígenas, dos deficientes, das mulheres* ... Por isso vejo que a Bíblia respira profecia. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!

#### **Bibliografia complementar**

DAIBER, João. “O amor humano de Deus em Oseias”, em: *Estudos Bíblicos*, n 63, 1999, p. 26-37.

16. Mt 21,12-13; Mc 11,15-19; Lc 19,45-46 e Jo 2,13-17.

- FREIRE, Anízio. “Um cidadão do amor e da esperança no Reino do Norte (Oseias)”, em: *Estudos Bíblicos*, n. 79, 2003, p. 24-44.
- LAUREANO, Delze dos Santos. *O MST e a Constituição*. São Paulo, Expressão Popular, 2007.
- LIBÂNIO, J.B. *A volta à Grande Disciplina*, São Paulo, Loyola, 1983.
- MARCONCINI, Benito. *Profeti e apocalittici*, vol. 3, Elle di ci, 1995.
- MESTERS, Carlos. *A profecia durante e depois do cativo*. In: Curso de Verão, São Paulo, Paulus, 1991.
- PAULA PEDRO, Enilda de; NAKANOSE, Shigeyuki. *Como ler o livro de Oseias – reconstruir a casa*, São Paulo: Paulus, 1995.
- PIXLEY, Jorge. “Oseias, uma nova proposta de leitura a partir da América Latina”, em: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*, n. 1, 1988, p. 44-63.
- REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA. *Os livros proféticos: a voz dos profetas e suas releituras*. Petrópolis: Vozes, n. 35/36, 2000.
- BRETON, A. *Vocación y misión: formularia profético*, Analecta Bíblica 111 (Roma 1987).
- SAMPAIO, T.M.V. “O corpo excluído de sua dignidade – uma proposta de leitura feminista de Oseias 4”, em: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*, n. 15, 1993, p. 28-36.
- \_\_\_\_\_. “Oseias: uma outra profecia”, em *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*, n. 35/36, Ed. Vozes, Petrópolis, Ed. Sinodal, São Leopoldo, 2000, p. 153-164.
- SCHÖKEL, L. Alonso e DIAZ, J. L. Sucre, *Profetas*, vol II (Grande comentário Bíblico), São Paulo: Paulinas, 1991.
- SCHWANTES, Milton. “Era um menino – anotações sobre Oseias 11”, em: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*, n. 14, 1993, p. 33-43.
- \_\_\_\_\_. *A profecia durante a monarquia*. In: Curso de Verão. São Paulo: Paulus, 1991.
- SEUBERT, Augusto. *Como entender a mensagem dos profetas*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- SICRE, José Luís. *A justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- \_\_\_\_\_. (org.). *Os profetas*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O profetismo em Israel; O profeta. Os profetas. A mensagem*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SIMIAN-YOFRE, Horacio. *El Desierto de los Dioses, Teologia e Historia em el libro de Oseas*, Córdoba: ED. El Almendro de Córdoba, 1992.
- VV. AA. *A Leitura profética da História*. São Paulo: CRB; Loyola, 1992.

VV. AA. *Profetas: ontem e hoje. Estudos Bíblicos* n. 4. Petrópolis: Vozes.

WILSON, Robert R. *Profecia e sociedade no antigo Israel*. São Paulo: Paulus, 1993.

*Frei Gilvander Luís Moreira, O.Carm*  
Comunidade Carmelitana Edith Stein  
Rua Iracema Souza Pinto, 695  
Bairro Planalto  
31720-510 Belo Horizonte – MG  
Fone: (31) 3494-1623  
e-mail: [gilvander@igrejadocarmo.com.br](mailto:gilvander@igrejadocarmo.com.br)  
[www.gilvander.org.br](http://www.gilvander.org.br)  
[www.twitter.com/gilvanderluis](http://www.twitter.com/gilvanderluis)  
Facebook: [gilvander.moreira](https://www.facebook.com/gilvander.moreira)